

Saudação a Ranilson Ramos

Já disse **Euclides da Cunha**, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Não há como falar de um pernambucano, nascido no sertão, na cidade de Orocó, em 1957, sem falar da sua força, da sua coragem, da resiliência de encarar as dificuldades que a sua terra natal lhe apresenta, dada as razões geológicas e climáticas já conhecidas, agudizadas por um **abandono político “sem razão”**.

Ranilson, na infância, além das horas de estudo e lazer com os 11 irmãos, acompanhava o pai, Seu Gregório Ramos, agricultor e comerciante, que ia à feira vender a cebola produzida, com muito sacrifício, nas terras da família, inclusive carregando água na cabeça para irrigar a terra seca, e não perder a pequena safra.

Aprendia ali as primeiras lições de economia, na prática, bem como de força e determinação. Ajudava na venda, no próprio caixote de feira, a experiência de produzir, colher, separar, vender, contar, recolher as sobras, voltar para casa, não era das mais simples, mas tinha uma vantagem – quando iam à cidade, a dona da pensão não cobrava de Seu Gregório o café-da-manhã do filho – nunca pagava, até o dia que já fortinho, a dona da pensão passou a exigir o pagamento.

As coisas prosperaram com a plantação e venda de cebola, e o pai, empreendendo, mesmo em tempos difíceis (como sempre o é o tempo no sertão), abriu loja de comércio de produtos agrícolas - a "Gregório Ramos" expandiu até as terras do sertão baiano.

O pai, e a mãe, Dona Maria Luiza, logo cedo, mandavam todos estudar em Petrolina - tinha que virar doutor, de anel no dedo e D. R. no nome.

Ranilson não se faz de rogado, como que antevendo os frutos, que só seriam colhidos com muito estudo e dedicação, agarrou-se à oportunidade.

Quando, ainda na feira, viu um político pela primeira vez, um homem de terno e gravata, um ser longilíneo, magérrimo, uma figura impoluta, perguntou quem é esse: o pai lhe respondeu, o deputado Marco Maciel. Então, disse de pronto: - eu quero ser deputado.

Diferente do Fabiano, de Vidas Secas, sertanejo descrito por **Graciliano Ramos**, fadado à repetição familiar, como se estivesse no sangue a necessidade de plantar-se na roça. Ranilson não se conformou; Seu Gregório também não deixaria.

Saiu do sertão, mas o sertão não saiu dele. Até hoje faz como **Patativa do Assaré**, em Triste Partida:

“Se alguma notícia / Das banda do norte
Tem ele por sorte / O gosto de ouvir

Meu Deus, meu Deus / Lhe bate no peito
Saudade lhe molho / E as água nos óio / Começa a cair”

Estudante em Petrolina, cursou escola pública estadual. Veio ao Recife, se preparando para ingressar no ensino superior, queria mesmo ser doutor.

No final dos anos 70, início dos 80, tomando consciência do processo de recrudescimento do regime militar, ingressou nos debates sobre direitos políticos e eleições diretas. Conhece a estudante de medicina, Marta Cavalcanti, vinda de Cabrobó. Dois sertanejos que se unem no Recife e nunca mais se separam.

Em 1980, nasce Caio, primogênito.

Com o início da redemocratização, não esperou, feito a Asa Branca (**Luiz Gonzaga**) “a chuva cair de novo, Pra mim voltar pro meu sertão”, voltou a Petrolina e concorreu nas eleições municipais de 1982, sendo eleito para o cargo de Vereador - mandato que exerce de 1983 a 1986. Tendo sido presidente daquela Casa Legislativa de 1985 a 1986.

O segundo filho do casal, Lucas, nasce em 1986.

Ranilson vira deputado estadual em 1987, se torna Deputado estadual constituinte em 1989, sendo o relator do capítulo de tributação do Estado de Pernambuco.

Exerceu o mandato na ALEPE entre 1987-1990; entre 1995-1998; e entre 1999-2002. Habilidade político que é, foi Líder do Governo Carlos Wilson em 1990, Vice-líder do Governo Arraes, Vice-Líder da oposição no governo Jarbas Vasconcelos.

Como parlamentar foi responsável por dezenas de proposições legislativas, destacando-se a emenda constitucional que estabeleceu o voto aberto dos deputados estaduais, muito antes do Congresso Nacional adotar esta medida.

No executivo, foi Diretor Comercial do LAFEPE (2003-2004), Coordenador de Programas de Desenvolvimento Tecnológico do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) (2005) e Presidente da Agência Reguladora de Pernambuco (2007-2010).

Mas, foi como Secretário de Agricultura e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco (2010-2013), cargo que muito lhe orgulha, que Ranilson realizou ações em todas as regiões. Visitou um a um dos 184 municípios do Estado de Pernambuco.

Conhecedor da realidade difícil do agricultor rural, ajudou a levar água, sementes e assistência técnica para os trabalhadores rurais, tendo sido o Programa Irrigação para todos (agricultura familiar) um dos mais exitosos.

Outros programas de assistência para o convívio com a seca, programa de regularização fundiária, programa leite de todos, garantiram vida digna a muitos pernambucanos.

Chega ao TCE, pelo ATO N° 342/2013, quando a ALEPE escolhe e encaminha o seu nome, por unanimidade, ao Governador Eduardo Campos para o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, na vaga decorrente da aposentadoria do Conselheiro Romário de Castro Dias Pereira, em Reunião Plenária realizada do dia 13 de maio de 2013.

No TCE, assumiu os cargos de Presidente da 2ª Câmara (2013), Presidente da 1ª Câmara (2014-2015) e Ouvidor (2016-2017).

Como Diretor da Escola de Contas Públicas Professor Barreto Guimarães (2018-2019), além de ter marcado a sua gestão com a interiorização, com cursos gratuitos para os servidores públicos municipais, fez a primeira semana de inovação do TCE, celeiro do pensamento disruptivo desta casa, embrião do laboratório de inovação, que tem sido o ponto de partida de diversas startups internas, verdadeiras células de inovação.

Já como Vice-presidente (2020-2022), comandou a reestruturação da vice-presidência para, em especial, ajudar a dar cumprimento às decisões do tribunal, criando a coordenadoria de pós julgamento, que além de débitos e multas, passou a cobrar as determinações e recomendações desta Casa, dando início ao que vem se consolidando como Sistema de Pós Julgado.

É, Ranilson, aquele menino do sertão, que sob um caixote na feira, vendendo cebola, queria ser deputado, fez muito, fez muito mais. Evoluiu, progrediu, saiu do sertão, sem abandonar a sua essência.

Por meio da educação e da determinação, trabalho público digno e dedicação à família, chegou aqui com o peito estufado de orgulho: da história de seu pai agricultor e comerciante, da sua de economista, formado na Universidade Federal, deputado, secretário e conselheiro; e, agora de seus filhos:

Caio, formado em Direito, mestre pela Escola de Economia de Londres e doutorando na Universidade Católica, casado com Adriane, que lhes deram o seu parceirão Dudu (Eduardo) e a pequena Helena. E, Lucas, formado em administração, pós graduado, deputado estadual, Secretário de Ciência e Tecnologia, casado com Juliana, que lhe encheram de alegria das gêmeas Mariana e Isabela.

Hoje, estás a assumir esta função maior no sistema de contas de Pernambuco, e tenho que dizer, por zelo institucional, e sabes bem, que o controle de contas não é o piloto da aeronave que executa as políticas públicas ou estabelece as regras, isso você já fez muito bem no Executivo e no Legislativo.

Na ausência dos poderes, nós não nos sentamos na cadeira e seguramos o manche entre nossos dedos. Mas, como sabes, bom conselheiro que és, numa espécie de Cindact, orientamos, sob um plano de voo definido por aqueles pilotos eleitos pelo povo - não um plano qualquer, mas um construído em cima de cartas históricas, mapas, regras, leis e verificações de pressão e temperaturas, exigíveis para se chegar a um destino desejado.

Alguém que já foi passageiro, tripulante, observador, fiscal, comissário, co-piloto e comandante, tem todas as condições de orientar a todos, isso não tenho dúvidas. Nós outros, precisamos nos esforçar, mais das vezes, no ato de julgar, para sermos empáticos com os agentes públicos; você não, você tem a legitimidade do lugar do outro, você veio de lá.

Ranilson Ramos, com a coragem do sertanejo que é, com a visão de economista que tem, com o coração de homem de família que forjou, com a experiência de fiscal e de gestor que colheu nestes tempos, bem comandará o sistema de controle de contas de Pernambuco.

Pelo perfil, levará o controle como um todo, fiscalização e julgamento, sanção e orientação, com grande êxito, permitindo a cada gestor de cada município e de cada secretaria deste Estado atuar conforme se espera e, conseqüentemente, garantirá mais entrega à população carente, já que conhece a realidade do lado de quem faz; e do lado de quem precisa.

Fará bem, mesmo com todos as dificuldades que a vida apresenta, como disse, **Guimarães Rosa**, em Grande Sertão: Veredas:

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e
depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”

Com coragem e força de sertanejo, com a convicção do caminho a trilhar nestes tempos de controle concomitante, eficiente e legitimado, vou junto, vamos juntos, Conselheiros, Conselheiros substitutos, Auditores, servidores em geral, com você Ranilson.

Sucesso na sua presidência.

Recife, 10 de janeiro de 2022.

Carlos Neves

Conselheiro do TCE-PE